

ENTRE A FORMA E O VIVER: REFLEXÕES SOBRE O PRINCÍPIO VITAL NO PARADIGMA ARISTOTÉLICO E NA VISÃO DA CIÊNCIA ONTOPSICOLÓGICA

Arielly Di Cássia Silva dos Santos¹, Eveline de Oliveira Lima²

Resumo: O princípio vital é um dos temas mais recorrentes da tradição filosófica, desde os pré-socráticos até os sistemas contemporâneos. Este estudo insere-se no campo da filosofia e da Ontopsicologia, com o objetivo de analisar comparativamente a concepção de alma em Aristóteles e a noção de Em Si ôntico formulada por Antonio Meneghetti. Para tanto, utiliza-se como método a análise teórico-bibliográfica, a partir da obra *De Anima*, de Aristóteles, e das obras de Meneghetti, com ênfase na fundamentação teórica e nos aspectos conceituais. Como resultado, identifica-se convergências entre os autores, sobretudo quanto à compreensão da vida como princípio formal que orienta e atualiza o ser vivo, mas também divergências, já que Aristóteles adota uma perspectiva de ordem natural, enquanto Meneghetti enfatiza uma dimensão existencial personalizada, centrada na identidade e no projeto essencial do indivíduo. Conclui-se que o diálogo entre a filosofia clássica e a Ontopsicologia contribui não apenas para ampliar o entendimento sobre a vida, mas também para legitimar e enriquecer uma ciência contemporânea em expansão, evidenciando sua relevância social, prática e científica.

Palavras-chave: princípio vital; Aristóteles; Em Si ôntico; Ontopsicologia; filosofia contemporânea.

Between Form and Living: Reflections on the Vital Principle in the Aristotelian Paradigm and in the Vision of Ontopsychological Science

Abstract: The vital principle has been one of the most recurring themes in the philosophical tradition, from the pre-Socratics to contemporary systems. This study belongs to the field of philosophy and Ontopsychology, aiming to comparatively analyze the Aristotelian conception of the soul and Antonio Meneghetti's notion of the ontic In Sè. The method adopted is theoretical and bibliographic analysis, based on Aristotle's *De Anima* and Meneghetti's writings, with emphasis on theoretical foundations and conceptual aspects. The results indicate convergences between the authors, especially regarding life as a formal principle that guides and actualizes the living being, but also divergences, since Aristotle develops a universal teleological perspective, while Meneghetti stresses an existential and personalized dimension, centered on identity and the individual's essential project. It is concluded that the dialogue between classical philosophy and Ontopsychology not only broadens the understanding of life but also legitimizes and enriches contemporary science in expansion, highlighting its social, practical, and scientific relevance.

Keywords: vital principle; Aristotle; In Sè ontic; Ontopsychology; contemporary philosophy.

Entre la Forma y el Vivir: Reflexiones sobre el Principio Vital en el Paradigma Aristotélico y en la Visión de la Ciencia Ontopsicológica

Resumen: El principio vital es uno de los temas más recurrentes de la tradición filosófica, desde los presocráticos hasta los sistemas contemporâneos. Este estudio se inscribe en el campo de la filosofía y de la Ontopsicología, con el objetivo de analizar comparativamente la concepción del alma en Aristóteles y la noción de En Sí ôntico formulada por Antonio Meneghetti. Para ello, se utiliza como método el análisis teórico-bibliográfico, a partir de la obra *De Anima*, de Aristóteles, y de las obras de Meneghetti, con énfasis en la fundamentación teórica y en los aspectos conceptuales. Como resultado, se identifican convergencias entre los autores, sobre todo en lo que respecta a la comprensión de la vida como principio formal que orienta y actualiza al ser vivo; pero también divergencias, ya que Aristóteles adopta una perspectiva de orden natural, mientras que Meneghetti enfatiza una dimensión existencial personalizada, centrada en la identidad y en el proyecto esencial del individuo. Se concluye que el diálogo entre la filosofía clásica y la Ontopsicología contribuye no solo a ampliar la comprensión sobre la vida, sino también a legitimar y enriquecer una ciencia contemporânea en expansión, poniendo de manifiesto su relevancia social, práctica y científica.

Palabras clave: principio vital; Aristóteles; En Sí ôntico; Ontopsicología; filosofía contemporânea.

¹ Graduanda em Ontopsicologia (AMF). E-mail: ariellyzuga2015@gmail.com

² Graduanda em Ontopsicologia (AMF).

1 Introdução

A questão do princípio vital acompanha a filosofia desde seus primórdios, constituindo-se como uma das problemáticas centrais na tentativa de compreender a vida. Desde os pré-socráticos, que buscaram identificar uma *arché* fundamental nos elementos da natureza, até os grandes sistemas clássicos, diferentes concepções foram propostas para responder ao que anima e diferencia os seres vivos. Essa temática, marcada por diversidade de interpretações, demonstra não apenas a relevância intrínseca do problema, mas também sua persistência ao longo da tradição filosófica, revelando-se como um dos pontos de maior debate e reflexão na história do pensamento.

Neste trabalho, o foco recai sobre duas abordagens distintas e, ao mesmo tempo, complementares: a concepção aristotélica de alma, apresentada no tratado *De Anima*, e a formulação contemporânea de Antonio Meneghetti, que define o *Em Si ôntico* como princípio formal e inteligente da existência. Ao considerar a alma como ato primeiro do corpo natural que possui vida em potência, Aristóteles inaugura uma compreensão científica e sistemática do princípio vital. Já Meneghetti, por meio da *Ontopsicologia*, propõe uma leitura fenomenológico-experimental que identifica no *Em Si ôntico* o núcleo essencial do indivíduo, orientando suas potencialidades e sua realização pessoal.

O objetivo geral deste estudo consiste em analisar comparativamente as concepções de princípio vital em Aristóteles e Antonio Meneghetti, destacando tanto suas aproximações quanto suas diferenças. Como

objetivos específicos, busca-se: a) identificar como Aristóteles define a alma em sua obra *De Anima*; b) apresentar a noção de *Em Si ôntico* formulada por Meneghetti; e c) evidenciar os pontos de convergência e divergência entre ambos os pensadores no que diz respeito à compreensão da vida.

A escolha desse tema parte de motivações que conjugam o interesse filosófico com a relevância científica. Além de um apreço pessoal pela filosofia e pela tradição clássica, entende-se que dialogar concepções antigas com perspectivas contemporâneas é de grande valor para o avanço do conhecimento. Tal diálogo é particularmente importante no caso da *Ontopsicologia*, ciência interdisciplinar ainda jovem, que se encontra em fase de vanguarda e que pode se beneficiar da aproximação com debates já consolidados na história do pensamento. Refletir sobre o *Em Si ôntico* à luz da filosofia aristotélica é, portanto, uma maneira de dissipar e legitimar essa ciência dentro do campo mais amplo da reflexão filosófica e científica.

A justificativa para este estudo abrange três dimensões. Do ponto de vista social, trata-se de um tema que contribui para a compreensão da vida e da identidade humana, possibilitando reflexões que atravessam a existência cotidiana e os modos de ser no mundo. No âmbito prático, a *Ontopsicologia*, enquanto ciência interdisciplinar, pode ser aplicada em diversos contextos não apenas clínicos ou educacionais, mas também culturais, organizacionais e científicos em geral, e o estudo do *Em Si ôntico* revela-se de importância para a produção científica. Já no aspecto propriamente científico, este trabalho contribui para o diálogo entre a filosofia clássica e uma ciência contemporânea em

desenvolvimento, fortalecendo a interlocução entre tradições distintas e oferecendo novas perspectivas para o entendimento do princípio vital.

Por fim, a estrutura do ensaio organiza-se da seguinte forma: em primeiro lugar, apresenta-se a concepção de alma em Aristóteles, com destaque para a definição proposta no *De Anima* e para os níveis da alma. Em seguida, expõe-se a noção de *Em Si* ôntico segundo Antonio Meneghetti, com ênfase em suas características e implicações. Posteriormente, são discutidas as convergências e divergências entre ambos os pensadores. Por fim, apresentam-se as reflexões finais, que retomam os principais resultados alcançados e apontam as contribuições do estudo.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Aristóteles e o conceito de alma

No *De Anima*, Aristóteles³ apresenta sua definição clássica da alma como “o ato primeiro de um corpo natural que possui a vida em potência” (Aristóteles, 2006, p. 72). Tal formulação evidencia que a alma não é concebida como uma entidade separada ou transcendente, mas como princípio vital que anima e organiza o corpo.

Diferentemente da tradição platônica⁴, que considerava a alma como uma substância independente e superior ao corpo, concebendo este último como uma prisão ou limite da

alma, Aristóteles entende ambos como uma unidade inseparável. Além disso, sua concepção rompe também com as visões dos filósofos pré-socráticos⁵, que interpretavam a alma a partir de princípios materiais da natureza, como água, ar, fogo ou terra. Assim, a originalidade aristotélica está em propor que a alma é a forma que atualiza e estrutura a matéria do organismo, fundamentando o hilemorfismo, segundo o qual corpo e alma constituem um composto indissociável que permite compreender o ser vivo como uma totalidade estruturada e funcional. No trecho a seguir, essa ideia é apresentada de forma detalhada:

Se for o caso, portanto, de apresentar uma definição geral aplicável a todos os tipos de alma, diremos que esta é o *ato primeiro de um corpo natural organizado*. Assim podemos descartar a questão de se a alma e o corpo constituem uma unidade: seria como se indagássemos se a cera e sua configuração constituem uma unidade, ou, (em termos gerais) a matéria de uma coisa e aquilo de que é a matéria (Aristóteles, 2021, p. 72).

Nas passagens posteriores, Aristóteles aprofunda a concepção hilemórfica ao esclarecer que não é o corpo que confere ato à alma, mas a alma que atualiza e organiza o corpo, tornando-o um ser vivo. Dessa forma, ele se distancia das perspectivas de seus predecessores, que concebiam a alma como algo inserido ou acoplado a um corpo de maneira externa. Para o filósofo, a alma não se ajusta ao corpo, mas o estrutura desde dentro, definindo suas funções e particularidades. É ela que imprime as singularidades próprias de cada organismo, manifestando-se de modo específico conforme a natureza de cada corpo. Nesse sentido, a alma não apenas anima a

³ Filósofo grego (384 a.C. - 322 a.C.).

⁴ Segundo o pensador, em seu livro intitulado *Fédon*, “[...] a alma revelar-se-á como substância simples, não sujeita à corrupção e à morte, enquanto o corpo, sua contrapartida mortal, é a parte visível e terrena, de que a alma terá em princípio de desligar-se para existir em si e por si” (Platão, 1988, p. 25).

⁵ Para maior compreensão acerca do tema, recomenda-se a leitura de: LAKS, André. **Introdução à filosofia pré-socrática**. São Paulo: Paulus, 2013.

matéria, mas também materializa predisposições que já estão em potência, possibilitando que se atualizem de acordo com as condições próprias de cada ser vivo.

Ora, visto que o composto é o ser animado, concluímos que não é o corpo que não é o corpo que é o ato da alma, mas ao contrário, a alma que é o ato de um dado corpo. Daí o acerto da opinião segundo a qual a alma não pode existir sem um corpo, ainda que não possa ser um corpo: não é um corpo, mas algo relativo a um corpo (Aristóteles, 2021, p. 77).

Neste contexto, Aristóteles distingue os seres animados dos inanimados com base no conceito de viver, que permite identificar aqueles dotados de alma. O viver apresenta múltiplos sentidos, incluindo intelecto, percepção, movimento, nutrição, crescimento e decadência. Diferentes seres manifestam essas faculdades em graus variados: organismos mais simples, como as plantas, possuem apenas algumas destas funções, como por exemplo a de nutrição, enquanto seres mais complexos, como os humanos, apresentam também intelecto, percepção, movimento e outras faculdades superiores, relacionadas à razão e à experiência consciente.

Com base nisso, Aristóteles estabelece três níveis de alma. A primeira é a vegetativa, presente em todos os seres vivos e responsável pelas funções mais elementares, como nutrição e reprodução. A segunda é a sensitiva, própria dos animais, que acrescenta a percepção sensorial e o movimento. Por fim, a intelectiva, exclusiva do ser humano, engloba as demais e se distingue pela capacidade de raciocínio e conhecimento. Essa graduação evidencia como cada forma de alma inclui e supera a anterior, culminando na racionalidade como característica específica da natureza humana.

Dessa maneira, a concepção aristotélica da alma não se limita a uma definição abstrata, mas se concretiza na organização vital que diferencia os seres vivos em graus, articulando corpo e alma como dimensões inseparáveis da mesma realidade.

2.2 Antonio Meneghetti e a definição do *Em Si ôntico*

O *Em Si ôntico*, segundo Meneghetti⁶, “é um princípio formal inteligente que faz autóctise histórica” (Meneghetti, 2010, p. 157). Ele atua como um projeto específico que determina as peculiaridades de cada indivíduo, evidenciando suas potencialidades inatas e orientando a forma do corpo e da existência. Cada *Em Si ôntico* é único, configurando a singularidade do ser e seus pontos fortes, ao mesmo tempo em que evidencia a si mesmo e propicia o autoconhecimento. Dessa forma, ele não apenas organiza a matéria corporal, mas também revela as capacidades próprias de cada existência, funcionando como um princípio inteligente que, ao se desenvolver, evidencia o próprio ser e suas interações com o mundo.

Além disso, o *Em Si ôntico* realiza um fazer autóctise histórica, caracterizado pelo desenvolvimento criativo da existência ao longo do tempo. Nesse sentido, ele cumpre um papel duplo: por um lado, se manifesta fenomenologicamente no corpo, formalizando a matéria e tornando visíveis as peculiaridades que lhe são próprias; por outro, orienta o crescimento individual, permitindo que o ser se desenvolva plenamente em suas potencialidades e se concretize historicamente. Assim, o *Em Si ôntico* articula simultaneamente o caráter formal da existência

⁶ Pensador italiano (1936 – 2013), fundador da Ontopsicologia.

e o devir existencial, sendo causa e fenômeno, princípio e manifestação.

Ademais, Meneghetti (2014, p. 119) ressalta que o estudo do Em Si ôntico se dá por meio de uma abordagem fenomenológico-clínica, permitindo que mesmo um clínico externo possa identificar a causa primeira do homem. Embora o Em Si ôntico em si não seja diretamente fenomênico, não se apresenta como objeto observável no primeiro dar-se e pôr-se, ele manifesta-se por suas consequências: o corpo, as potencialidades, as predisposições e o desenvolvimento pessoal. Dessa forma, é possível tocar essa realidade interior por meio das fenomenologias, observando como o princípio formal e inteligente se expressa na existência concreta do indivíduo e orienta seu crescimento e evolução, especialmente quando a pessoa se encontra em saúde e harmonia consigo mesma.

Dentre diversas características do Em Si ôntico, uma interessante de se citar no corpo do texto é a virtualidade (Meneghetti, 2010, p. 163), a qual se manifesta como a capacidade de conter um projeto amplo e disponível para se realizar ao longo do desenvolvimento do indivíduo. Embora existam outras características igualmente importantes, a virtualidade evidencia de forma clara como o Em Si ôntico é essencialmente potencial, dependendo do concurso de outras causas para se concretizar e transformando o que existe apenas como essência em realidade plena. No sentido positivo, essa manifestação implica auto reforço da própria identidade e crescimento pessoal, nas mais diversas esferas que permeiam a vida individual, permitindo que o ser desenvolva suas potencialidades e se transforme progressivamente em um ser

humano mais autêntico e mais consciente de si mesmo.

Finalizando a análise do conceito de Em Si ôntico, percebe-se que ele representa a potencialidade essencial do indivíduo, funcionando também como orientação para seu desenvolvimento pleno. Ao seguir esse princípio, cada pessoa tende a se tornar progressivamente mais autêntica e mais centrada em sua própria identidade, ampliando assim a compreensão das múltiplas dimensões de sua existência.

2.3 Reflexões ontopsicológicas do livro De Anima

A respeito do princípio da vida, conforme observa Meneghetti (2010, p. 81), os filósofos gregos foram os primeiros intelectuais laicos da história. Diferenciaram-se por buscar compreender o mundo sem recorrer à religião ou às convenções sociais de sua época, confiando apenas na razão e na própria percepção. Nesse horizonte, Aristóteles, em sua obra *De Anima*, inaugura uma reflexão que se afasta das explicações míticas e religiosas, propondo a primeira tentativa sistemática de compreender a alma a partir de um viés científico.

O tratado é dividido em três livros. No primeiro, Aristóteles retoma as concepções de seus predecessores, os pré-socráticos, que procuraram identificar o princípio vital (*arché*). Cada um formulou sua própria hipótese: Tales apontava a água, Heráclito o fogo, Anaxímenes o ar. Essas tentativas, embora fragmentárias, revelavam a busca inaugural por compreender aquilo que faz viver. Ao compilar e examinar essas perspectivas, Aristóteles não apenas dá

continuidade a essa tradição, mas também estabelece um método crítico e investigativo que se tornaria marca de sua filosofia.

No segundo livro, o filósofo expõe sua própria concepção. Ele descreve a alma como princípio de vida do corpo, aquilo que lhe dá movimento e torna possível suas funções vitais. Diferentemente de uma substância separada, a alma é, em Aristóteles, inseparável do corpo, sendo aquilo que o anima e possibilita a existência concreta.

Além do aspecto vital, Aristóteles também investiga os modos de conhecimento da mente humana. Afirma que a mente é capaz de conhecer porque observa, organiza e classifica as informações recebidas pelos sentidos. A partir desse processo, torna-se possível alcançar conclusões que ultrapassam a experiência imediata, articulando o conhecimento de maneira racional. Essa ênfase na capacidade da mente de construir sentido a partir da realidade sensível constitui uma das contribuições mais originais de sua filosofia.

Ao abordar a questão da alma, Aristóteles ocupa um lugar singular na história do pensamento. Seu esforço em compreender a vida e a mente sem recorrer a instâncias religiosas marca um ponto de inflexão na tradição ocidental. Como lembra Meneghetti (2010, p. 82), nele se condensa a maturidade do espírito grego e o fundamento de uma racionalidade que, séculos depois, ainda sustenta o edifício da ciência e da filosofia.

2.4 Principais convergências/confluências entre Aristóteles e Meneghetti em relação ao princípio vital

Aristóteles compreende a alma como o princípio vital que anima todos os seres vivos,

manifestando-se em diferentes funções, como a nutrição, a percepção e o intelecto. Trata-se, portanto, de um conceito universal que engloba desde as formas mais básicas de vida até a racionalidade humana. Meneghetti, por sua vez, centra sua análise na dimensão especificamente humana, ao identificar o Em Si ôntico como núcleo essencial que orienta o projeto existencial de cada indivíduo. Ainda que reconheça a existência de um Em Si em todas as coisas, é no homem que ele encontra sua expressão mais complexa, atuando como guia para a realização pessoal.

No que se refere ao acesso a esse princípio, Aristóteles defende que a alma pode ser conhecida a partir de suas funções observáveis, enquanto Meneghetti sustenta que o Em Si ôntico, por não ser diretamente fenomênico, só pode ser apreendido mediante a leitura de seus fenômenos existenciais, como a saúde, as escolhas (de acordo com seus resultados), e o desenvolvimento ao longo da vida.

Por fim, pode-se observar que, embora Aristóteles aborde a alma como princípio vital que estrutura a ordem dos seres vivos em graus distintos, e Meneghetti concentre-se no Em Si ôntico como núcleo essencial do homem, ambos convergem na valorização da realização da natureza própria de cada ser. Enquanto Aristóteles descreve essa dinâmica de modo universal e hierárquico, no sentido de cumprimento de funções, Meneghetti enfatiza uma leitura personalizada, existencial e voltada ao processo de autoconstrução do indivíduo.

3 Método

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, tendo como eixo

principal a análise de obras de referência. A pesquisa fundamenta-se sobretudo na leitura da obra *De Anima*, de Aristóteles, e de textos de Antonio Meneghetti que tratam do conceito de *Em Si ôntico*, além de comentários que auxiliam na compreensão dessas noções. A partir dessa base textual, desenvolve-se uma análise interpretativa voltada a identificar e discutir aproximações e diferenças entre a concepção aristotélica de *anima* e a proposta de Meneghetti do *Em Si ôntico*.

O procedimento metodológico consistiu em leitura e fichamento dos trechos considerados centrais, que foram posteriormente organizados em eixos temáticos de comparação. A análise foi realizada a partir de uma perspectiva hermenêutica, buscando interpretar o sentido dos conceitos no contexto original em que foram formulados e, em seguida, relacioná-los em chave comparativa.

Por tratar-se de um estudo bibliográfico, não houve coleta de dados empíricos. A confiabilidade do trabalho se apoia no uso direto de fontes primárias e em comentários selecionados que oferecem suporte interpretativo.

4 Resultados e Discussão

A comparação entre o conceito de alma para Aristóteles e o conceito de *Em Si ôntico* para Antonio Meneghetti revelou tantas aproximações importantes quanto diferenças que ajudam a entender melhor como cada autor concebe o princípio que dá vida e sentido aos seres vivos, especialmente ao ser humano.

Os resultados mostram, antes de tudo, que os dois pensadores enxergam a vida como algo que nasce de um princípio interno que

organiza, orienta e atualiza o existir. Para Aristóteles, a alma é aquilo que faz um corpo vivo ser o que é: ela estrutura a matéria, dá forma e torna possível suas funções vitais. Já para Meneghetti, o *Em Si ôntico* é um núcleo inteligente e essencial, uma espécie de orientação interna que conduz o desenvolvimento humano e expressa o projeto singular de cada pessoa. Em ambos, portanto, aparece a mesma ideia central: o ser vivo não é apenas um conjunto de partes, mas uma unidade regida por uma força interna que lhe dá direção e coerência.

Ao aprofundar essa comparação, porém, surgem diferenças claras. Para Aristóteles, o princípio vital tem um caráter universal e se aplica a todos os seres vivos, cada qual com o tipo de alma que lhe corresponde, vegetativa, sensitiva ou intelectiva. Sua abordagem parte da observação da natureza e das funções que cada tipo de ser consegue desempenhar. Além disso, para Aristóteles, a alma e o corpo são inseparáveis: a alma é a forma do corpo e não existe desligada dele.

Meneghetti segue um caminho diferente. Seu foco não está em todos os organismos vivos, mas especificamente no ser humano. O *Em Si ôntico* é entendido como o centro essencial que orienta a vida de cada indivíduo de maneira única, impulsionando-o a desenvolver suas próprias potencialidades ao longo da história pessoal. Ele não descreve níveis ou funções vitais universais, mas busca compreender o ponto de inteligência que guia cada pessoa em direção à sua realização plena.

Outra diferença importante aparece na forma como cada autor propõe acessar esse princípio vital. Aristóteles parte das operações visíveis, como nutrir-se, perceber, mover-se ou pensar, para entender o que é a alma. Já

Meneghetti afirma que o Em Si ôntico não se mostra diretamente, mas revela sua presença por meio de efeitos concretos na vida: saúde, escolhas acertadas, coerência existencial e crescimento pessoal. Enquanto Aristóteles olha para a natureza e para o comportamento dos seres vivos, Meneghetti olha para a ação, para a prática clínica e para a fenomenologia.

Apesar dessas diferenças de método e de foco, há um ponto que une profundamente os dois autores: ambos entendem a vida como a realização da própria natureza de cada ser. Para Aristóteles, isso significa cumprir plenamente as funções que correspondem ao tipo de alma. Para Meneghetti, significa atualizar constantemente o projeto de vida inscrito no Em Si ôntico. Em outras palavras, viver é realizar aquilo que se é, no melhor e mais autêntico sentido possível.

Assim, os resultados indicam que o diálogo entre Aristóteles e Meneghetti não apenas é possível, como também revela-se teoricamente e cientificamente enriquecedor. A visão clássica oferece uma base sólida para compreender a estrutura da vida, enquanto a Ontopsicologia amplia essa discussão ao integrar a singularidade, a história pessoal e a experiência concreta do indivíduo. Essa interlocução contribui para o fortalecimento da Ontopsicologia como ciência e abre novas possibilidades de compreensão do princípio vital, articulando a tradição filosófica com as investigações científicas atuais.

5 Considerações Finais

O presente ensaio buscou analisar o princípio vital a partir das perspectivas de Aristóteles e de Meneghetti, destacando os pontos de convergência e divergência entre os

dois pensadores. Observou-se que, enquanto Aristóteles aborda a alma como princípio vital universal e funcional a todos os seres vivos, Meneghetti concentra-se no Em Si ôntico, enfatizando a dimensão humana como núcleo essencial de orientação para a realização pessoal e a construção da identidade. A análise evidenciou que ambos tratam da vida como realização, porém com enfoques distintos: Aristóteles de maneira voltada à ordem natural, Meneghetti com aplicação prática e interligada à identidade.

Ao retomar os principais argumentos apresentados, torna-se claro que a compreensão do princípio vital no contexto da Ontopsicologia oferece um olhar diferenciado sobre o desenvolvimento humano, ligando conceitos clássicos à ciência ontopsicológica. A abordagem de Meneghetti, em especial, reforça a importância de se reconhecer a potencialidade essencial do indivíduo e de estimular seu processo de autoconhecimento e expansão de si mesmo.

Para desdobramentos futuros, sugere-se a comparação do princípio vital com outros autores e correntes filosóficas ou científicas que abordem a vida e o desenvolvimento humano, possibilitando uma análise crítica e interdisciplinar. Além disso, pode-se explorar outras obras de Aristóteles sob a ótica ontopsicológica, ampliando o diálogo entre tradição filosófica e práticas científicas de compreensão do ser humano.

Referências

ARISTÓTELES. **Da alma**: De anima. 1. ed. 2. reimpr. Bauru: Edipro, 2021.

LAKS, André. **Introdução à filosofia pré-socrática**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

MENEGHETTI, Antonio. **Da consciência ao ser: como impostar a filosofia do futuro.** Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.

MENEGHETTI, Antonio. **Manual de Ontopsicologia.** 4. ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editora Universitária, 2010.

PLATÃO. **Fédon.** Coimbra: Livraria Minerva, 1988.